

O estudo que se segue constitui uma aventura: uma leitura investigativa acerca de uma parte do infinito que Guimarães Rosa traduz ao assumir seu lugar – o sertão, por excelência – e sua tarefa no mundo, a de homem-poeta. Para tanto, “Sorôco, sua mãe, sua filha”, conto de Rosa que compõe a coletânea *Primeiras estórias*¹, foi selecionado enquanto “pedaço de infinito”² instituído, identificado, alvo deste exercício interpretativo.

Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Um chamado João” de 1967, faz alusão ao mistério – estabelecido por meio das imagens arquitetadas por Rosa, confiadas, por sua vez, a uma palavra-língua originalmente recuperada, novamente fértil e, sobretudo, lancinante – que renasce, de repente, na circunstância de leitura, ou seja, de diálogo com o texto rosiano, e indaga:

*Por que João sorria / se lhe perguntavam / que mistério é êsse?
E propondo desenhos figurava / menos a resposta que
outra questão ao perguntante?*³

Propõe-se, neste sentido, considerar as inquietações que também acudiram Drummond, interrogando a dialética que se presume existir entre os desenhos que ilustram os 21 contos de *Primeiras estórias*, as estórias propriamente ditas, e o caráter lendário, mítico, que permeia essas

* Graduando do Curso de Letras da UFU, bolsista de Iniciação Científica. Este artigo comporta notas iniciais advindas dos trabalhos realizados no âmbito do Plano de Pesquisa intitulado “Por trás das estórias, um mito, mito; por trás do um cenário sertanejo, individuniversal, as algumas estampilustradas estórias de JotaGêerre: João Guimarães Rosa”. Este, por sua vez, está vinculado ao Projeto de pós-doutoramento intitulado “Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico”, da Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, da UFU. Ambos os projetos são subsidiados por agências de fomento ligadas à instituição em questão.

¹ ROSA, J. G. (1908-1967). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Vale esclarecer que, doravante, as alusões e citações feitas em relação ao conto em questão, apontadas ao longo deste texto, referem-se a essa mesma publicação, sendo indicadas, portanto, pela abreviatura SSMSF, seguida do número de página na qual elas se encontram.

² Conforme o próprio Rosa em conversa com Günter Lorenz, transcrita e disponibilizada em LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. (p. 37) In: ROSA, J. G. *Ficção completa, em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 27-61. Daqui por diante, referências e citações advindas deste texto serão indicadas por GL, seguido pelo número de página na qual elas se encontram.

³ ROSA, op. cit., p. 11.

narrativas, refletida, de forma particular, no âmbito da terceira estória, a de Sorôco, de sua mãe e filha.

No desenho correspondente ao conto (Fig. 1), partindo do eixo central imaginário e observando a disposição dos elementos que o constituem, identifica-se um movimento bi-hemisférico – para oeste e para leste – cujo ponto de interseção (eixo) representa o rompimento do cordão umbilical entre o filho Sorôco e “a velha”⁴, sua mãe, e entre aquele e sua filha. Ambas seguem, a bordo de um vagão especial “atrelado ao expresso [,] (...) trem do sertão....”⁵, disposto no hemisfério leste, que se encarrega de levá-las “para longe, para sempre”⁶, de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais para um hospício em Barbacena.

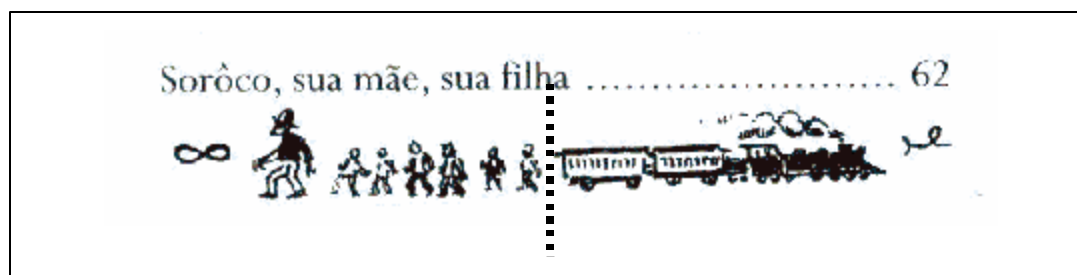


Fig. 1. Ilustração de Rosa para o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”⁷.

À oeste do eixo, encontram-se Sorôco – o “homenção, brutalhudo de corpo, com a cara grande, uma barba, fiosa, encardida em amarelo, e uns pés, com alpercatas”⁸, que trouxera mãe e filha até a estação – e o povo da cidadezinha que parecia saber “mais do que os outros a prática do acontecer das coisas”⁹ e levava “Sorôco para a casa dele”¹⁰, após a partida do trem.

⁴ SSMSF, p. 64.

⁵ Ibid., p. 62.

⁶ Ibid.

⁷ ROSA, op. cit., p. 235.

⁸ SSMSF, p. 63.

⁹ Ibid., p. 62.

¹⁰ Ibid., p.66.

Há, ainda, dois símbolos instigantes – o do infinito, à esquerda, e o do décimo signo zodiacal de capricórnio, à direita – que polarizam a representação e o movimento na ordem do pictórico, além de acirrare o diálogo e a confluência de imagens, sentidos e significados entre a ilustração do conto (fig. 1) e o arranjo narrativo propriamente dito, contribuindo, sobremaneira, para a verificação da presença de um discurso mítico – figurado, ou seja, um modo de conhecimento indireto¹¹ – revisitado, recuperado, renovado e (re)criado, que enreda-se aos discursos narrativo e pictórico de forma simultânea. Ademais, ambos os símbolos corroboram a imagem do movimento de circularidade interna e externa sugerida pela organização pictural bi-hemisférica que se projeta, analogamente, na e da estória e, ainda, na e da propriedade intrínseca ao mito de recorrência ou eterna (re)vivência¹².

Para nortear estes julgamentos, em síntese, com base em Crippa¹³, tendo igualmente em conta a entrevista entre Rosa e Lorenz¹⁴, compreende-se mito, de forma especial no âmbito da estória rosiana, como uma maneira de se investigar, laborar e materializar a linguagem a fim de, por meio desta, descobrir uma maneira de se traduzir uma proposta de revelação da realidade – isto é, “a prática do acontecer das coisas”, “o assim das coisas”, “o de sempre”, “um caso sem comparação” –¹⁵ o que implica uma tentativa de vislumbrar o lugar e a função do homem, o seu Ser e vir-a-Ser circunscritos à mundivivência, esboçando e **exemplificando**, desse modo, a metafísica do Existir, do Ser, do Permanecer, do Transformar-se.

¹¹ Cf. GRAZIANI, Françoise. Imagem e mito. In: BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 482-3.

¹² Cf. CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Ed. Convívio, 1975. Caps. 3, 4 e 7. (Reflexões que sustentam esta idéia a respeito de *mito*.)

¹³ Ibid.

¹⁴ GL, p. 30-58.

¹⁵ SSMSF, pp. 62, 65-6, 65 e 66, respectivamente.

Tudo isso porque a palavra-língua desgastada pelo uso ou pelo exercício dicotômico significado-significante cotidiano, histórico e cristalizado, mostra-se insuficiente para se fixar à essência ou verdade das coisas.

Neste momento, vale insistir no tema da dialética. João Guimarães Rosa

*... tinha por hábito desenhar seus personagens, montar mapas das regiões que constituíam cenários para suas histórias, sugerir capas e rascunhar vinhetas ou ornatos para seus textos. Era uma mania ou superstição que trazia da infância ...*¹⁶

Vilma G. Rosa, sua filha, acrescenta:

*Para meu pai, contudo, um livro começa na folha de rosto e termina somente na linha final do índice. Esses são os dois limites, são as fronteiras da obra literária. Dentro deles, o escritor constrói. De extremo a extremo. Em Primeiras estórias, o índice é ilustrado, conto por conto, linha por linha, segundo esboços de sua mão, habilmente redesenhados [a pedido do autor¹⁷] por Luís Jardim.*¹⁸

Segundo Castro¹⁹, ainda, as ilustrações constituem um desafio adicional que compõe a leitura de *Primeiras estórias*, elas podem ser tomadas como um possível caminho para a interpretação dos contos, uma vez que “Guimarães Rosa costumava dizer que “decifrar mistérios é ótimo. Diverte e exercita o cérebro””.

Percebe-se, a partir desses fragmentos, que a dialética se faz e se justifica no recinto da própria obra, ultrapassando-a quando revivificada no ato da leitura, instante durante o qual se entrelaça, dialogicamente, aos textos do mundo, ao contínuo da Literatura, ao contínuo da História, ao contínuo dos Mitos.

Destarte, ao compartilhar com Rosa de seu universo, em particular do universo configurado em “Sorôco, sua mãe, sua filha”, o leitor vê emergir diante de si inúmeras pontes ou

¹⁶ (CASTRO, 1993: 67)

¹⁷ Ibid., p. 68.

¹⁸ (ROSA, V. G., 1999: 83)

¹⁹ CASTRO, op. cit., pp. 67 e 69.

estradas, bi/tri/multi-furcadas, sinuosas, escuras, às vezes claras, retilíneas, ilusórias, sedutoras, traíçoeiras, asfaltadas ou pedregosas, umas egoístas, outras generosas, que exigem do mesmo leitor atitudes e escolhas, memória e raciocínio perspicazes, lógico-emotivas, enfim, demandam do leitor que ele exerça seu lugar e função de homem e, como tal, dedique-se à imaginação.

Toma-se, agora, um dos caminhos: são por volta de “12h45m”. “A hora ... de muito sol...” marcava a passagem do trem do sertão. “As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar” Sorôco trazer mãe e filha que embarcavam a horas. O trem ia “remir com as duas, em hospícios.”²⁰

Várias expressões²¹ sugerem o estado de **loucura** em ambas: a filha “tinha pegado a cantar [uma] cantiga não ... certa, nem no tom, nem no se-dizer das palavras – o nenhum”, “vinha enfeitada de (...)virundangas: matéria de maluco”. A velha “... batia com a cabeça, nos docementes”. ““Ela não acode, quando a gente chama””, dizia Sorôco. Expunham-se por “trasmodos e despropósitos (...) [,] transtornadas”. A moça-filha cantava. E

*a gente viu a velha olhar para ela, com um encanto de pressentimento muito antigo — um amor extremo. E, ... ela pegou a cantar, também, tomando o **exemplo**, a cantiga mesma da outra, que ninguém não entendia. [grifo meu]*²²

Por intuição (pressentimento), portanto, a velha compreende o Estar (Ser) da moça, e prevê o futuro dos acontecimentos, a iniciação ritualística de passagem para um outro estágio de Estar (Ser), ou seja, de conhecimento; engolfando-se neste ritual, compartilha com a neta o canto inefável, para a gente que lhes assistia, e, assim, as duas entram “para o carro [vagão] de janelas

²⁰ Trechos extraídos de SSMSF, pp. 62, 63, 62, 64 respectivamente.

²¹ Extraídas em SSMSF, pp. 63 e 64.

²² Ibid., p. 65.

enxequetadas de grades”²³. Retornam, desta forma, à caverna de Platão? Não. Trata-se de um paradoxo ao gosto rosiano²⁴ que recupera e revigora, por sua vez, o Mito da Caverna de Platão²⁵.

O paradoxo se configura pelo fato de que a Loucura das duas mulheres representa, na verdade, um valor atribuído, por incompreensão, à Lucidez de ambas. O mesmo ocorre com o filósofo-prisioneiro da saga platônica que é ridicularizado e desacreditado pelos outros humanos acorrentados ao relatar-lhes sobre a Verdade que conhecera após escalar a montanha e deixar que a “Luz o cegasse”.

As mulheres, únicas parentas de Sorôco, incompreendidas em seus cantos e ações, entram a bordo do trem que, aparentemente, “estava torto, que nas pontas se empinava”²⁶: a cabra (bode) do sertão que regressa ao cimo da montanha, para Ver de novo, Conhecer de novo, aspirando à um crescimento da alma. Daí a relevância simbólica do signo de Capricórnio estampado à esquerda do trem, na Figura 1.

O signo de Capricórnio²⁷ é representado por um animal meio fabuloso com corpo de cabra e cauda de peixe; ao meio dia terrestre, hora de partida do trem do sertão (12h45m), ele está em direção ao céu, no alto, assim como a cabra se eleva na montanha. À esse signo corresponde o planeta Saturno que, invocado, tem a propriedade de romper o cordão umbilical do homem com sua mãe e seus vínculos terrestres. Encarrega-se de fazer com que o homem aceite as provas que requerem sacrifícios e despojamentos, mas que o levam a adquirir uma visão mais apurada da realidade, atingir o plano moral e espiritual, libertando-o do aprisionamento causado pela

²³ Ibid.

²⁴ “... a vida, a morte, tudo é, no fundo um paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras.” In: GL, op. cit., p. 32.

²⁵ Narrado por Platão no Livro VII da *República*, alegoria que explica o movimento de passagem de um grau de conhecimento para o outro. (Cf. CHAUI, 2002)

²⁶ SSMSF, p. 63.

²⁷ Cf. CHEVALIER, 1990.

influência de seus instintos. “Retiro do Mundo, recolhimento da consciência sobre si ou sobre uma busca, eis Saturno.”²⁸

No outro hemisfério, Sorôco, por sua vez, “agüentara de repassar tantas desgraças, de morar com as duas, pelejava. Daí, com os anos, elas pioravam, ele não dava mais conta ...”²⁹. Por isso, o trem chegara, “apitou, e passou, se foi, o de sempre. Sorôco não esperou tudo se sumir. Nem olhou.”³⁰ Sofria, “exemplo”³¹. Decidira-se voltar para casa, mas

*parou. ... se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo? Num rompido - ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si - e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado.*³²

Nesse momento mágico, no qual a Lucidez se confunde com a Loucura – em que, “de repente, todos gostavam demais de Sorôco”³³ e que, de repente, este se vê desprovido dos referenciais que tivera durante toda a vida – percebe-se, mais uma vez,

*a influência da luz branca e clara do olho espiritual de Capricórnio, a luz da realização espiritual, que se manifesta em flashes, em determinados momentos de nossas vidas, durante os quais nos descobrimos fora de nosso corpo, aptos a ver, com clareza, onde estamos na batalha contra as dificuldades que enfrentamos diariamente. É durante esses momentos de luz, ainda, que fazemos promessas, resoluções e nos comprometemos a mudar, pois somos capazes de compreender o valor da vida. É por meio da clarividência, a experiência de Capricórnio, que podemos vislumbrar o que estivera oculto ou escondido. Procuramos, desse modo, unir valores e experiências da ordem do espiritual e do material à nossa existência.*³⁴

A multidão, por sua vez, sob a Luz de Capricórnio recobrando a consciência sobre si mesmo, demonstra compaixão-compreensão para com Sorôco:

²⁸ Artigo de Arlete DAISY, disponível em <<http://www.internewwws.eti.br/2000/mt000205.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2002.

²⁹ SSMSF, p. 64.

³⁰ Ibid., p. 65.

³¹ Ibid., p. 66.

³² Ibid.

³³ Ibid.

³⁴ Tradução resumida do artigo original em inglês de Michael ERLEWINE, disponível em: <www.thenewage.com/resources/articles/zcycle.asp>. Acesso em: 24 jul. 2002.

*E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele, Sorôco, (...) A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dele A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga.*³⁵

E rumando ao Infinito, isto é, em direção ao desafio do desconhecido, do obscuro, do inefável³⁶, todos exercitavam, contudo, a eterna permanência no mundo cavernoso de Platão e, por conseguinte, a também eterna busca por respostas capazes de decifrar as sombras, os sons, enfim, aquilo que se conhece por verdade ou realidade e que gera inúmeras inquietações no espírito humano.

Todos, assim, meditam sobre a cantiga enigmática, tentando subtrair dela alguma palavra essencial que sirva para dar à luz alguma Verdade Absoluta. É a eterna vivência em busca de Luz, de Conhecimento para apaziguar o Existir-Ser e o vir-a-Ser; a eterna vivência da dicotomia Luz-Trevas, Bem-Mal, Capricórnio-Lemniscata(Infinito), inerente à natureza da alma humana – o que, por sua vez, ratifica o movimento dialético da circularidade sobre o qual se discorreu no princípio deste texto, tanto no nível do pictórico, como nos níveis da estória e da recorrência-renovação mítica.

Lembrando Guimarães³⁷, ao afirmar que

os homens de meus livros ... vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o que é o mal. (...) No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. [.]

esta aventura que foi – e que é, pois, seguramente, existem outras trilhas, outros caminhos para quem almeja enveredar-se pelo mundo-mistério ficcional do escritor mineiro – refazer e tentar compreender a saga daquele homem, Sorôco, o homem-personagem do sertão, serve, espera-se,

³⁵ SSMSF, p. 66.

³⁶ Cf. BRUGGER, 1969: 232-3 e CASTRO, 1993: 70-1.

³⁷ GL, op. cit., p. 58.

para concorrer com outras, sugerindo pistas e opiniões que facilitem novas e futuras diligências com o texto rosiano.

Neste sentido, fica a opinião de que lidar com Sorôco não é tarefa fácil, exige “prudência”. Ocupar-se de Sorôco é, em consequência, manobrar, ou ser manobrado pela palavra viva de Guimarães Rosa que é sempre iluminada com o intuito de fazer a distinção Bem-Mal, Realidade-Imaginação, Sertão-Outros Mundos; mostrar o percurso do Sertanejo, se ele se perdeu ou se encontrou e, sobretudo, como se deu o assim do acontecido.

Especialmente em *Primeiras estórias*, com Sorôco, a palavra viva de Rosa adquire uma força original, pois ela é gerada no seio de uma tríplice aliança: possui as propriedades da língua, a simbologia dos pictogramas e a eterna ancestralidade mítica.

Referências Bibliográficas

BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Herder, 1969.

BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CASTRO, Dácio A. de. *Primeiras estórias – roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 249-85.

CHEVALIER, J. e CHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. 11è. Paris: Robbert Laffont, 1990. p. 163-4.

CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Ed. Convívio, 1975.

DAISY, Arlete. interNeWWs - Signo de Capricórnio 1999-2000. **Revista interativa escrita por free-lancers**. Disponível em:

<<http://www.internewwws.eti.br/2000/mt000205.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2002.

ERLEWINE, Michael. Cycles and Astrology. Disponível em:

<<http://www.thenewage.com/resources/articles/zcycle.asp>>. Acesso em: 24 jul. 2002.

ROSA, J. G. (1908-1967). *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Ficção completa, em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1.

ROSA, Vilma G. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Symbols.com – world largest encyclopedia of symbols. Disponível em:

<<http://www.symbols.com/encyclopedia/53/5340.html>>. Acesso em: 24 jul. 2002.